

Antônio Soares
Feitosa
reproduzir a este

CAOS PORTATIL

UM ALMANAQUE
DE CONTOS

no seu Journal de
Poesia

- Idéias com labirintos ou outra estação do caos - 5
- Mariposas de Madeira - 6 - Ana Miranda
- O Jardineiro cego - 8 - Gilmar de Carvalho
- De través - 11 - R. Leontino Filho
- Um crime perfeito - 14 - Sânzio de Azevedo
- COMENDO - 16 - Amílcar Betttega
- Quadros em movimento - 20 - Lourdinha Leite Barbosa
- B.R. - 22 - Jorge Pieiro
- AGRIMENSURAS - 24 - Soares Feitosa
- ESTRANGEIROS - 28 - Tércia Montenegro
- OS AFOGADOS - 31 - Joan Edesson
- URBI ET ORBI - 32 - Nilto Maciel
- biografia de uma ilha - 34 - Tânia Lima
- A SENHORA DO EDIFÍCIO - 35 - Rinaldo de Fernandes
- AS CINCO ROSAS - 36 - Jorge Tufic
- POR POUCO EU NÃO FUI FELIZ - 38 - Gildemar Pontes
- FRONTEIRA - 40 - Pedro Salgueiro
- Louco por Carnaval - 42 - Micheline Verunschik
- O começo e o fim - 44 - Luiz Arraes
- TRÊS PEQUENOS CRIMES - 45 - Floriano Martins
- Três esboços - 47 - Eduardo Jorge
- UMA MÚSICA PARA DOIS - 49 - Francisco Sobreira
- Ocasões - 52 - Cândido Rolim
- Irmã das Almas ou o valor de cada um - 54 - Aldir Brasil Jr.
- TIO - 55 - Daniel Glaydson
- Tenor de velório - 57 - Clauder Arcanjo
- Sábado à noite - 58 - Fernando Lima
- No labirinto... - 59

CAOS PORTÁTIL
UM ALMANAQUE
DE CONTOS

Jorge Pieiro
Pedro Salgueiro

Geraldo Jesuino
Jorge Pieiro
Nilto Maciel
Pedro Henrique Saraiva Leão
Pedro Salgueiro

Geraldo Jesuino

O começo e o fim - I
Felipe Dias

Jorge Pieiro
Pedro Salgueiro

Janailma do Vale Veras

Letra e Música Comunicação Ltda

Rua Coronel Jucá, 1000/1101
Meireles Fortaleza CE
60170-320

letraemusica@secrel.com.br

elaborada pela bibliotecária
Perpétua Socorro Tavares Guimarães
reg. C.R.B. 3/801-98

Caos Portátil: revista de literatura v. 1, n. 2,
semestral - Fortaleza: Letra e Música, 2005-2.

Almanaque de contos - periódico

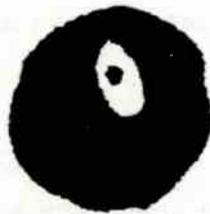
CDD 869.9308

ISSN 1808-3080

“por baixo de noites vomitadas
 ...por debajo de noches vomitadas
 de música e de fumo
 de música y tabaco
 e de muitas infâmias
 y vilezas menudas
 e truques de todos os gêneros,
 y trueques de todo género,
 bem por baixo ou por cima
 bien por debajo o por encima
 de tudo isso, eu não tinha desejado fingir,
 de todo eso no había querido fingir
 como os boêmios o faziam,
 como los bohemios al uso
 que esse caos portátil
 que ese caos de bolsillo
 fosse uma ordem superior do espírito
 era un orden superior del espíritu
 ou de qualquer outra etiqueta
 o cualquier otra etiqueta
 igualmente podre...”
 igualmente podrida...”

O Jogo da Amarelinha
 Rayuela
 trad. Fernando de Castro Ferro

Julio
 Cortázar



Idéias com labirintos

ou outra estação do caos

Caos. O caos forma labirintos. Destrói a racionalidade do espírito ou o espírito da racionalidade. Mas, enquanto se acumulam os fragmentos do cotidiano, revelam-se as artimanhas dos seres que lidam com palavras.

Palavras são idéias e idéias são labirintos. Disso pode viver o homem, disso pode morrer o escritor.

As vertigens criam o périplo do Verbo. E assim se constrói a humanidade. Como se constrói o caos. O caos e suas estações, por onde andamos e ressurgimos, para onde seguimos até a posse do delírio.

Assim, seguimos...

(e aqui, cearenses daqui e dalhures, outros tornados cearenses e mais uns convidados por cearenses, porém, todos brasileiros, escritores brasileiros!)

Enfim...

O caos, novamente. Inevitavelmente. O caos é o melhor caminho entre o cetro e o absinto. Portátil, como o silêncio entre fendas. Em forma de sombras. Antes dele, a incerteza do vazio. Depois dele, o vazio incerto. No entre, o caos nosso de cada dia.

O caos é a ordem que virá. Para perturbar o silêncio da rua. Ou para descobrir o caminho que não é. Sendo.

Os editores

MARIPOSAS DE MADEIRA

ana
miranda

6

Ao telefone uma voz de mulher, ferida, trágica, diz que precisa me ver, falar comigo, marca a data e o lugar, não entendo bem o que ela quer de mim, é uma mulher conhecida na cidade, eu a vi algumas vezes, numa festa, num clube, num restaurante talvez, uma mulher elegante, sou jovem e tenho medo das pessoas, quando estou aguando o jardim e vejo se aproximarem os alunos da escola pública eu me escondo no quarto e os observo pela fresta da persiana, ruidosos, alegres, espero que passem todos e só então volto ao gramado, algumas pessoas dizem a minha mãe que deve mudar a filha da escola pública, as escolas de freiras agravam a timidez, ensinando o recato às moças e reprovando a extroversão, Freiras fabricam meninas sonsas, alguém diz, talvez tenha razão, devo escolher uma tarefa semanal no serviço doméstico, e escolho encerar a varanda, de quatro feito um animal, os cabelos soltos, sinto os olhos dos homens passantes e o desejo neles despertados, uma exibição dissimulada, simbólica, provocante, o que deseja de mim a desconhecida que me ligou? movida pela curiosidade compareço ao bar, ela me

espera sentada a uma mesa com um sujeito de terno, e me impressiona que esteja vestida com um casaco de pele neste dia de outono, diante de seu casaco de pele sinto-me singela em meu vestidinho caseiro e duas tranças arrematadas por borrachas de amarrar dinheiro, minhas sandálias franciscanas, o sujeito me manda sentar e diz que é advogado dela, ouço-a falar, com as mãos tensas se contorcendo ela me pede que não me aproxime mais do homem que ela ama, e diz o nome dele, depois me ameaça, o advogado dá uns tapinhas carinhosos no pulso da mulher, aconselha que fique mais calma, ela cai num choro soluçante, controla-se, eu não conheço o homem de quem ela está falando, o homem que ela ama, talvez seja um estrangeiro de olhos azuis que perambula nos gramados e de vez em quando senta à sombra de uma árvore e canta canções de sua terra, mas não digo nada, não sei por que, o advogado deixa algum dinheiro sobre a mesa e eles se vão.



O JARDINEIRO CEGO

gimmar de
cavaiho

8

Disse o Senhor ao jardineiro: me ofereça em altares de porcelana as primeiras rosas da estação. O jardineiro recitava salmos e a chuva tombava em fertilização da terra, se alternando com o sol em fecundação e brotos de uma primavera interior. A gestação vegetal de polens. Sementes que se intumesciam na incubação das entranhas do chão.

Disse o Senhor ao jardineiro: e com as mais belas palmas uma coroa para cingir minha cabeça. O jardineiro entoava loas ao senhor e ao prenúncio dos pássaros e sua migração em bandos.

Disse o Senhor ao jardineiro: e dos frutos maduros quero as primícias em cestos de palha entrançada por tuas mãos hábeis e ágeis de artesão e servo. Determinarei a época da colheita e ferirei os troncos que sangrarão resinas e bálsamos. A lua indicará o cio da terra.

E colocou querubins de ouro e ciúme nos quatro cantos da herdade, ameaça e cobrança da promessa e seu cumprimento. O decreto entalhado em tábuas de pinho e afixado no centro do sítio, interseção de quatro veredas e nascedouro de ribeiros, o local da casa nos mapas e no sonho do Senhor dos alicerces.

O jardineiro deixou que as primeiras rosas murchassem nos troncos, decadentes de seu esplendor e viço, quando se expunham, exuberantes ao sol e ao reconhecimento dos colibris, em seu vôo indeciso, e das abelhas diligentes.

O jardineiro deixou que as mais belas palmas secassem e tombassem como qualquer folha sem vida e não cingiu a fronte de seu Senhor como símbolo do domínio exercido sobre o território domado.

E os primeiros frutos apodrecidos nos galhos a preenchem a tarde de cheiros adocicados, de matéria em decomposição a fermentar o chão de colheitas inúteis. Natureza coroada e seus próprios troféus, holocausto vegetal de desobediência e rebeldia.

Soube o Senhor acerca destas coisas que se passaram pelo relato dos anjos a delatarem o homem e confirmarem sua condição de eunuco e guardiões da observância das leis e estafetas da delação.

O Senhor saiu a passeio — no fim da tarde — e o jardineiro pressentiu passos e temeu castigo e expulsão, como nas parábolas e nos velhos relatos de crônicas. E o jardineiro estava só, convinha ao Senhor preservar sua solidão e não invejar o coito nas noites de entrega.

“E porque ousaste desobedecer-me e rebelar-te contra a minha autoridade, não ficarás nu, ferirei teus olhos e desencadearei a sombra eterna em tua vida de tédio. E não serás expulso, continuarás capataz deste jardim de trevas. E não amaldiçoarei serpentes mudas que se enroscam nos ramos ou rastejam neste pó que as alimenta”.

Fez-se conforme o Senhor ordenou. Segundo o testemunho de escribas. A tradição oral inscrita e editada.

O jardineiro cego passou a cultivar suas rosas em silêncio. A percorrer em silêncio os canteiros, enquanto a sombra de seu cajado de pastor se projetava nas aléias de folhas murchas.

O jardineiro cego: espantallo entre mudas sempre raras de espécimes novas. Conhecia de cor todas as flores (argúcia de

velhas lições de botânica). Ao seu passar se afastam ramos e espinhos. E havia aroma mais intenso — como halo — ao seu derredor.

Seu chapéu de abas largas dispersa as borboletas tontas em seu vôo desordenado de muitas cores. A ele pertencem o jasmim, que adorna o portão de madeira, e o caramanchão, a umidade de flores amarelas.

O jardineiro cego a regar em silêncio o verde em extensões de grama. Batiza por aspensão avencas e samambaias entre domínio de pedras. Parasitas sufocam arbustos e lodo nos espelhos d'água.

O jardineiro cego é senhor deste território circunscrito aos marcos e horizontes de um paraíso de história. Reino vegetal de um soberano a esculpir vasos do barro em que foi modelado.



DE TRAVÉS

Que o amor é um duelo,
o amor entre um homem e uma mulher.
Antonio Carlos Villaça

r. leontino
filho

1º MOVIMENTO: volta

Nas vezes em que ele saía, tudo acontecia do mesmo jeito: aquela cantilena enfadonha de enganar e ser enganada, nada de novo, a mesma traição ascética que morre na rotina dos prazeres. Nas vezes em que ele ficava, tudo parecia um sonho: de repente, o pesadelo de acreditar que o gozo nunca se liberta da imaginação: mas como acabar com o traiçoeiro engano? Ele que descubra nas noites mal dormidas, o resto de solidão que ainda me sobra. Nas vezes em que tudo parecia bem, as mesmas aparências mudavam de rumo: no trabalho, quanto engano, ele nem presentia o fim, cada vez mais morria a última gota do derradeiro beijo: baba que ensaia vãos dormentes de uma adormecida paixão. Nem sei mais a quem traio – a própria traição ou a mim mesma. Olhos – tudo e nada mais – sem retorno: olho, de soslaio: olhos. E quantas vezes o sino tocará a sua morte? Quando sai ou quando chega, não há diferença alguma, somente passos ao léu, ventos que balançam o vazio das lembranças. Cada

cortina abre-se para um dia igual aos outros. E ele nem percebe os aflitos enganos que rondam o quarto onde, de braços e pernas bem abertas, recebo outras borboletas de asas tão afiadas que desconfio até que não são para mim. Juras rondam o tempo de não dizer mais nada, sim, ele é, em toda a sua finitude, a única poeira que inunda minha pele, tanta precisão nessa seara cega de intensa metamorfose. Há um certo modo de ser na cotidianidade todas as vezes que o silêncio, lá de sua mesinha-de-cabeceira, atravessa o vasto território de mediocridades e ganha um colorido especial; confiantemente, a cidade de abafadas vontades e intensa boçalidade nada só e ele nem nota: o olhar que para ele se volta.

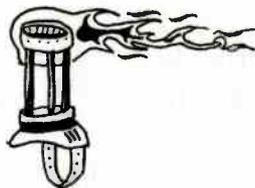
2º MOVIMENTO: fica

A vida, sem ela, segue. Por quê? Nem tudo ou quase nada necessita de porquês, ainda mais quando se trata de separação: ela que siga seu rumo, o meu já está destroçado, quer dizer, traçado em linhas tão desalinhadas. Há algo mais deselegante do que um olhar traçoeiro? Sim, há: a ressaca de não olhar de frente a traição. Ela que prossiga – no prumo do avesso, de preferência: de gorjeta em gorjeta, faz-se o mundo da solidão. Resta, ainda, muito medo entremeado na paixão distante: toda grande paixão está sempre para lá do horizonte, por isso mesmo, nada resta dos amores que juntos foram perdendo o viço. Não, ela, na vida, segue, em outros lençóis, sei lá em que camas ou redes soltas correm suas taras, a minha não a quer mais por perto, também pudera, em cada saída, nas muitas vezes em que jurava o que nunca poderia cumprir, e eu sabia, ela, também. Doce Ângela de endemoninhados pensamentos, ficar é perder o senso e entrar, de vez, no purgatório das fantasias. Nessa dilaceração, alheio às vontades do mundo, guardo penumbrosas saudades. De dentro do ódio, retiro o meu nome, afogueado Antônio, de tantas luas e de poucos esquecimentos, cada inferno acende uma brasa para a tua maldição, queria dizer mais direta-

mente o que só obliquamente me dizias: vai, segue a picada que mais forte fere a alma: e, ainda assim, não esqueço, porque esqueceria, se tudo corria contra nós: a mais sagrada mentira sangrava de tuas mãos e eu sentia imenso prazer em marcar as horas dos desencontros: sempre ao cair da noite eu me erguia – sonâmbulo de todas as mentiras: as minhas, as tuas – nossas traiçoeiras promessas de amores austeros: onde a orfandade de quem ama está, sem enfeites, perdida no olhar.

DE ÂNGELA PARA ANTÔNIO NO VÍCIO DO DIA
QUE CHEGA OU DE ANTÔNIO PARA ÂNGELA NA
FARSA QUE GERMINA

Quanta imaginação no parentesco turvo da noite: os amantes amando se traem, ainda assim amam em tendas armadas de más-intenções: uma bênção para a pestilência do engano – salve-se quando puder. Se o tempo assim o quiser.



UM CRIME PERFETO

sânzio de
azevedo

14

Aquela roda de samba no quintal da casa do Chico Alfaiate, nos fins de semana, incomodava bastante os vizinhos, pois entrava pela madrugada, indo às vezes mais longe. Lá estavam o Paulinho e o Moraes nos violões, o Almeida no cavaquinho, o Beto no surdo, o Macaco no tamborim e o dono da casa no pandeiro, fora os cantores. Por mais bonitos que fossem os sambas, era duro não poder dormir e ficar escutando compulsoriamente “Leva, meu samba, meu mensageiro”...

Em volta dos sambistas, vários homens e mulheres, inclusive e principalmente Dona Zefinha que, segundo alguns sussurravam, o Chico Alfaiate havia tirado da lama: tinha sido meretriz mesmo. O que não impediu que o Chico Alfaiate casasse com ela de papel passado e tudo.

Quem, por acaso, sem saber de nada, visse o grupo reunido, todos amigos, sambando, não imaginaria que um daqueles tocadores conhecia a intimidade de Dona Zefinha. Conhecera, porque tudo era passado. O que se murmurava, de longe em longe, é que o Macaco, o do tamborim, caboclo forte, atarracado

e feito, havia sido freqüentador assíduo, no cabaré da Suzete, da cama da Zefinha, bem antes de ela poder ser chamada de Dona.

Evitava-se falar sobre esse passado, embora a presença do Macaco naquela roda de samba quase obrigasse os poucos sabedores da história a rememorar a vida pregressa da Sra. Dona Zefinha, mulher de Chico Alfaiate. Muito querida por estar sempre ajudando a todos, talvez fosse este o motivo pelo qual os conhecedores do segredo continham o ímpeto natural de espalhá-lo.

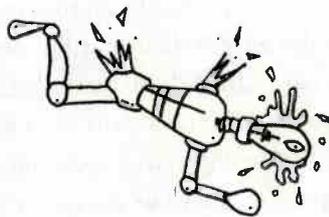
E haja samba, às vezes até o dia amanhecer naquele bairro pobre mas aparentemente feliz: "... este recado, para o meu amor primeiro".

Numa tarde de quarta-feira, correu a notícia estarrecedora: o Macaco havia sido assassinado. Como? Por quem? E por quê?

Só havia resposta para a primeira pergunta: mais ou menos aí pelas duas da tarde, numa rua das imediações, àquela hora quase deserta sob um sol escaldante, o caboclo, aproveitando a sombra de um ficus-benjamim, fumava tranqüilamente quando um carro, desenvolvendo alta velocidade, passou, no momento em que estalou um tiro. Quem olhou para o Macaco viu que ele balançou, curvou-se para a frente e tombou na calçada.

Não houve uma pessoa que anotasse a placa do veículo, e até hoje ninguém foi apontado como suspeito desse crime.

Quanto aos vizinhos do Chico Alfaiate e de Dona Zefinha, esses nunca mais tiveram de ficar acordados de madrugada, ouvindo sambas compulsoriamente nos fins de semana: "... vai dizer que ela é a razão dos meus ais. Não, não posso mais"...



COMENDO

amigar
bettega

16

Ele sentia uma fome horrível. Não havia tomado o café da manhã, agora se dava conta disso, porque acabara voltando a dormir após desligar o despertador, porque tinha deitado tarde e cansado na noite anterior, porque estava atrasado com o trabalho e ultimamente era obrigado a invadir as madrugadas para dar conta dos prazos, e por isso mesmo saíra da cama naquele dia, atrasado, diretamente à mesa de trabalho, sem tomar o café da manhã, o que agora se fazia sentir, na fome verdadeiramente horrível que ele sentia.

Era curioso que toda aquela fome tivesse chegado de um só golpe, como qualquer coisa que lhe caísse em cima, pesada e implacável, como se tivesse sido guardada, germinada em silêncio, fermentada durante toda a manhã em algum lugar de si que ele desconhecia para atingi-lo daquela forma, já algumas horas passadas do meio-dia, quando esquecida a hora habitual de comer esquecia também (normalmente, mas não agora), a fome.

Chegara a pensar, agora se dava conta disso, em fazer uma pausa no fim da manhã para comer alguma fruta ou um iogurte

antes de retomar o trabalho, quando tal idéia foi imediatamente descartada ao lembrar, por um desses mecanismos mentais que ganham a forma do acaso, que naquele dia e naquela manhã tinha aquela consulta com o médico, marcada há mais de um mês na agenda que ele nunca olhava.

Saiu de casa já atrasado e chegou ao consultório ainda mais atrasado porque enfrentara um engarrafamento no caminho e ficara uma boa meia hora sem sair do lugar, sem nada poder fazer a não ser esperar, experimentando todas as estações no rádio do automóvel, ouvindo as notícias, um rock, um blues, uma ária, um samba, e avançando e parando — mas nem assim sentiu fome.

Aquela fome horrível e implacável só foi chegar, horrível e implacavelmente, quando ele estava já dentro do consultório e o médico lhe falava, o médico tinha finalmente recebido os exames e lhe falava, mas ele quase não o escutava porque a fome tinha chegado e o consumia e o fazia pensar somente no que iria comer ao sair dali, e por isso desejava que o médico terminasse logo de falar para que ele pudesse ir embora e comer, e de tão apressado que estava já não conseguia lembrar, agora, se pagara a consulta.

Pensou em entrar no primeiro restaurante que encontrasse mas logo se deu conta de que, em função da hora, seria difícil achar um aberto, então decidiu seguir logo para casa, e em seguida concluiu que, pelo tamanho da fome que sentia, aquela situação era até melhor, pois poderia comer à vontade, sem se preocupar com boas maneiras ou coisas do tipo, comer mesmo abusivamente, até saciar por completo aquela fome que lhe parecia insaciável e que lhe consumia as entranhas, como se fosse um buraco negro, um poço sem fundo, uma coisa que não tem fim.

Chegou em casa e foi direto à geladeira e começou a comer o que estava à mão: frutas, legumes, iogurtes; e ao mesmo tempo retirou um grande pedaço de carne e cortou os bifés enquanto comia o pão que restara do dia anterior, e meteu o arroz no fogo

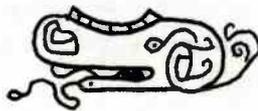
e fritou os ovos e fritou os bifés e comeu tudo junto, e então sentiu sede e, mesmo não gostando de beber durante o almoço, abriu uma garrafa de vinho e bebeu, bebeu enquanto comia, e foi só enquanto comia, ou quando já havia comido bastante, quando finalmente sentia que a fome ia aplacando, foi somente aí que ele pode pensar nisso tudo, pensar que não havia tomado o café da manhã, que o despertador tocara e ele dormira de novo, que tinha deitado tarde por causa do trabalho atrasado, e por causa do trabalho atrasado levantou direto à mesa de trabalho e trabalhou sem parar até lembrar, por acaso, da consulta marcada com o médico há mais de um mês na agenda que nunca olhava, e que tivera de sair correndo de casa e que chegara atrasado ao médico por causa do engarrafamento, e notícias, rock, blues, e que foi só lá, já dentro do consultório, que começou a sentir aquela fome horrível e implacável, foi quando o médico apanhou os exames, agora começava a lembrar vagamente, quando o médico apanhou os exames e começou a falar, ou fora antes, não sabia ao certo, mas em todo caso foi mais ou menos ali, quando o médico apanhou os exames, quando apanhou os exames e começou a falar, começou a falar que a partir dali era uma outra fase, sim, fora ali, agora ele se dava conta, ali, quando o médico apanhou os exames e começou a falar da nova fase, que a partir dali era uma nova fase na sua vida que começava, e agora ele tinha certeza que fora ali, quando o médico falou da nova fase e que era preciso se preparar, que era preciso saber que seria duro, sim, agora lembrava que ao ouvir o termo “duro” já a fome estava instalada, tinha certeza disso, de ouvir “duro” e já sentir a fome horrível instalada nele, o médico falou que iria ser “duro” mas que ele ia ser ajudado, eles iriam montar juntos um plano de ação, e essa foi mais uma expressão que ficara marcada, que ele só lembrava agora mas que ficara marcada, o médico falara “plano de ação” e não tratamento, um plano eficaz para frear o avanço das metástases, porque era bem uma metástase o que o exame mostrava, e mais do que isso era difícil lembrar, porque a partir de então a fome se

tornara de fato insuportável e todos os seu sentidos pareciam puxados para aquela fome horrível e implacável, sugados por ela, consumidos por ela, pela necessidade de comer, comer urgentemente.

Pois só agora, quando a fome ia finalmente se acalmando ele conseguia lembrar de tudo isso, ao mesmo tempo em que uma leve sonolência ia tomando conta do seu corpo. Ele sabia que com o vinho no almoço, cansado como estava, e com o sono atrasado e tendo comido tanto, fatalmente o sono viria, fatalmente uma sesta seria inevitável, atrasando ainda mais o seu trabalho.

E não teve nem tempo de trocar de roupa, tirar os sapatos e ir até a cama. Deitou ali mesmo no sofá da sala, vestido e de sapatos. E dormiu, instantânea e profundamente, longamente.

Enquanto dentro dos sapatos suas unhas cresciam meio milímetro.



QUADROS EM MOVIMENTO

*lourdinha
leite barbosa*

20

A mala voltara quase vazia como fora; sua mente, no entanto, estava repleta. Visitara museus, bibliotecas e livrarias.

O pequeno quadro, presente de um amigo, foi acomodado entre os inúmeros que pendiam assimetricamente da parede da sala. Encontrar um espaço ali era quase impossível. Afastou-se para ver o resultado e teve a impressão de que algo se movera. Aproximou-se com medo de que fosse um inseto. Não viu nada.

Os quadros mais antigos se alargaram e forçaram os mais recentes a se comprimirem. Nesse empurra-empurra alguns se inclinaram, Ingrid percebeu o leve rumor e recolocou-os em seus lugares. As cinco mulheres de branco que, no quadro de moldura negra, se dirigiam às suas casinhas assustaram-se com o movimento e apressaram o passo.

A luz atravessou a janela e pousou sobre o quadro em que uma moça caminhava por uma rua ensolarada. Ela estancou o passo, largou a cesta que mantinha encostada ao quadril e rodopiou sobre o calçamento irregular.

Ingrid pôs um CD de Chico Buarque e iniciou uns passos de dança. As pessoas do quadro em tons vermelho e negro, que observavam uma festa popular, voltaram-se e a aplaudiram com entusiasmo. Sem perceber o que se passava na parede de sua casa. Ingrid apanhou as ilustrações que trouxera do Museu Dorsay e estendeu-se no sofá abaixo do quadro em que um pintor fazia seu auto-retrato. O pintor abandonou palhetas e tintas e passou a observar, junto com ela, as reproduções.

Um forte sopro de vento alçou as cortinas e avivou as figuras dos quadros. As três mulheres que conversavam, ao lado de grandes cestos cheios de conchas, despiram suas longas saias, retiraram os panos da cabeça e correram, numa nudez branca, em direção ao mar. Ao mesmo tempo, as pessoas do quadro abaixo, que caminhavam com tranqüilidade ao lado do Sena, puseram-se a correr confusas em todas as direções. Já não se obedecia aos limites impostos pelas molduras. Aprisionadas no tempo, não sabiam para onde ir ou o que fazer. Atônitas descobriam um novo mundo. Uma mulher que parecia ter saído de uma revista de modas da década de cinqüenta falou em francês para um enorme galo que se mantinha parado: Por que você não se move? — O galo mexeu a cabeça e respondeu em português: Estou nesta posição desde 1972, não consigo mexer as pernas.

De repente, formou-se um grande círculo e reclamações de toda ordem foram ouvidas em diferentes línguas. Todos se entenderam: “Fui paralisada enquanto caminhava para casa”; “Estou há anos sem tomar banho”, “Não sei o que foi feito da minha família”, “Nem pudemos entrar em casa, depois da festa de Iemanjá”; “Quantos anos se passaram? Estou jovem e minha filha deve estar velha”; “Por que fomos aprisionados?”; “Eu nunca terminei meu auto-retrato. Temos que fazer alguma coisa”.

Durante a confusão uma moldura caiu. Ingrid levantou-se atordoada. Estava mesmo precisando descansar, suas pernas pareciam não lhe pertencer. Apanhou o quadro e, ao colocá-lo de volta, parou perplexa: a tela não tinha qualquer vestígio de tinta.

B.R.

jorge
pietro

22

-Vagabunda!

-Vagabundo!

Pronto. Sintonizados como diante de um bicho do horóscopo chinês, eles se aproximaram do fim do corredor. Dali, o fim do dilema: ou descer pela escada ou esperar o elevador. A janela, resguardada por uma redinha. Olharam-se com os raios do olhar ricocheteando nos calçados. Mudos. Ele tocou o botão, luz, som. Ainda bem que o elevador já descia e ali parara. Três viajantes silenciosos e o alívio cuspiu no incômodo de qualquer possibilidade de mais constrangimento.

Por que mesmo atacara ou contra-atacara? Quem começara aquele silêncio de trevas, não sabiam mais. Desalojada qualquer serenidade, a chegada ao térreo. E agora? Outra expectativa e outro olhar desenxabido, um ao outro.

Não fora a primeira vez que se insultaram. Aquilo estava se tornando verdadeiro. Gostavam-se, passaram a gostar de trocar

insultos. Até nisso dessarranjavam o que poderia ser uma discórdia passageira, atenuada pelo tempo. Não, aquilo não podia descer aos ratos e ter chafurdada a lama. Acostumar-se é morrer!

Ela pensara muito antes de desferir a primeira carga de impropério. Ele apenas repetira o chavão da imbecilidade ancestral. Mas, se ela assim fizera, poderia ter pesado ele, é o fim. Mulher nenhuma cospe em pratos limpos. Pensando assim, ao sair da porta principal da Torre Del Paseo, cruzou os dedos, gesto de ataque, como se sacasse a espada e repetisse com os maxilares contraídos a pecha. Porém, desta vez ela apenas sorriu. Muita malícia e talvez desencanto.

Um garoto acabara de buzinar. Ele desceu as escadas com o coração na garganta.



AGRIMENSURAS

soares
feitosa

O senhor Capitão contava, num intervalo de uma palavra cruzada e outra, que essa profissão de agrimensor era uma das mais perigosas. Em especial se fosse para delimitar as fazendas de dois coronéis verdadeiros, como o Coronel Horácio da Silveira e o Coronel Sinhô Badaró, no Sequeiro Grande, lá no cacau.

— Só com muita bala, meu caro Bibliotecário Djalma, só com muita bala! — dizia o Capitão.

Meu auxiliar de Bibliotecário, o Capitão, gostava muito de contar as muitas histórias da mãe do Coronel. Esta, exemplo — foi só o que me ocorreu quando vi o cabeça grande chamando aquele tímido senhor de agrimensor. Não sei se era deboche. Assim contava o Capitão:

Um dia, um tal Joaquim Lopes resolveu invadir o macaco da mãe do Coronel, isto é, a fazenda dela é que se chamava Macacos.

Ela ajuntou dez cabras, todos armados de soca-soca; vestiu uma calça comprida por debaixo do vestido, num tempo em que mulher alguma andava de calça comprida; montou-se,

escanchada, no cavalo Bacalhau, num tempo em que as mulheres só cavalgavam de banda; mandou o Coronel, que ainda era menino, montar-se no jumento Moleque; encheu três alforjes com paçoca, carne-seca e rapadura; quatro borrachas de sola com água da cisterna, e, de tropel, desceram as quebradas da Serra das Matas fazendo um grande alarde de que o tal Joaquim Lopes iria saber o que era bom pra tosse.

Em lá chegando, a mãe do Coronel mandou chamar um cabra que tinha um olho cego, e o apresentou ao invasor:

— Seu Joaquim, este é o meu agrimensor.

Os cabras, com as espingardas entupidas de chumbo miúdo, bucha de capim seco e pólvora até a tampa, ali, quietos, só escutando. O tal Joaquim Lopes, evidentemente, disse que sim.

Eu não sei se o Capitão era um dos que estavam lá, entre os dez das espingardas, ou se ouvira essa “edificante” historinha da boca do Coronel, ou sabe-se lá de quem a ouvira, ou se ele mesmo a inventara. O fato é que a história corria no trecho como autêntica. Então, ali presente o “agrimensor”, a mãe do Coronel apontou para três estacas de sabiá e disse-lhe:

— Faça rumo, compadre Capuxu, entre a Volta do Rio e a Pedra Grande!

— ?

— Enfie a primeira estaca, espie por cima dela bem espiado direto para a Pedra Grande! Mande botar a segunda estaca bem no rumo em que estiver espiando por cima da primeira estaca; em seguida bote a terceira estaca na mesma risca de olho; as três assim, linheiras, bem aprumadas.

— ?

— Aí, compadre, você manda o auxiliar arrancar a estaca que está mais atrás e levá-la lá para a frente, quando então você se muda para a estaca seguinte e ajusta as três outra vez na mesma reta. Depois, recomece tudo de novo e assim por diante. É só ter o cuidado de emparelhar as três estacas sempre na mesma linha! Com cuidado, compadre! Tudo bem linheiro,

compadre! Vamos, minha gente! Ligeiro, até terminar! Antes de o sol se pôr! O tal Joaquim Lopes disse:

— Por favor, minha senhora, esse cidadão que a senhora chama de agrimensor só tem um olho. Quem já viu agrimensor de um olho só?

A mãe do Coronel falou:

— O senhor está enganado. Não existe profissão mais adequada para um caolho do que essa de agrimensor! É suficiente que ele olhe com um olho só, e pronto, porque não terá nenhum perigo de se distrair com a outra vista. O perigo, sim, se ele olhasse com os dois, um num rumo, outro noutra.

O tal Capuxu, que jamais havia tirado rumo algum, agora ali, de “agrimensor”, perguntou, quase trêmulo:

— Comadre, qual é mesmo a Pedra Grande?

Ela fez um trejeito com o beijo, apontou para um lajedo que ficava a léguas de onde o Joaquim Lopes queria o traçado, e disse:

— É lá!

O Joaquim Lopes não disse mais nada, nem o marido da mãe do Coronel também disse nada, porque ele mesmo correra do pau há muito tempo, mudando-se desta para melhor no mesmo dia em que o Coronel nasceu, deixando-o no fogo, aquela história do batizado que já contei mais atrás. O Coronel? Ah, o Coronel é quem ajudava, sob o olhar severo da mãe, a carregar as balizas de madeira para o caolho.

Quando o tal Joaquim Lopes vendo que nada haveria de conseguir com aquela mulher tão braba, resolveu ir embora, ela disse:

— Compadre Capuxu, a pedra agora é aquela ali... (muitos graus abaixo da outra.)

O tal Capuxu ganhou um novo apelido: Cambito, que é aquele pau em forma de forquilha que a gente coloca nos jumentos para carregar madeira ou cana, porque o “rumo” que ele fez na fazenda Macacos começava de um jeito, e, como se fosse um cotovelo, terminava de outro completamente diferente, “comendo” pela metade a fazenda do Joaquim Lopes.

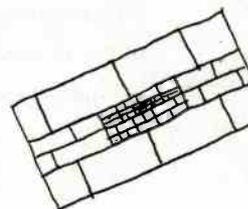
No final da “agrimensura” do caolho, a mãe do Coronel ainda mandou uns desaforos para o vizinho:

— Da próxima vez, trarei um cego. É muito mais seguro trazer um cego. Só o cego conseguirá ser o agrimensor verdadeiro! Basta colocá-lo no início do caminho, aprumá-lo pelas omoplatas, olhar por cima de cada ombro, e dizer: Vai em frente, cego! Em sendo ele cego, não se distrairá com os passarinhos, nem com as flores do campo, nem com essas molecas que tomam banho seminuas nessas beiras de brejos, um atrevimento. Se alguma cobra o morder, não há de ser nada, visto que todo cego tem pauta com São Bento, o protetor dos mordidos de cobra. Afinal, seria uma injustiça permitir que o cego fosse atacado sem ver a cobra, e ainda morresse da mordida. São Bento não deixa, claro! O cego é que é o verdadeiro agrimensor, capaz de traçar rumos lineiros sem nada a distraí-lo. Da próxima, trarei um!

— Minha senhora, o único que traça rumos certos sem olhá-los, quase sempre por linhas enviesadas, é Ele... o Altíssimo!

— disse o padre, pacientemente, Kolbe.

— Louvado seja!



ESTRANGEIROS

tércia
montenegro

28

O mar estava calmo, naquela noite. Na pequena embarcação se acomodavam seis homens, todos silenciosos. Viajavam tolhidos de medo, evitando olhar para as sombras vizinhas.

Ainda era possível pensar no litoral, na cidadezinha inflando de mansões pela areia, enquanto os nativos catavam caranguejos. Os estrangeiros chegaram com o único propósito de gastar dinheiro em orgias festejadas ao sol-pôr. Sobre eles, criaram-se lendas, exageros: não se podia olhar para um, sem temor de ataques, risos frouxos, corpos ébrios... E foi talvez pelo susto que todos se submeteram.

Antes dos homens, foram as mulheres, pioneiras em tudo. Bateram às portas douradas, oferecendo serviço quase gratuito – a paga era entrar no outro mundo, onde existiam salões com bandejas de cristal. Sentiram um breve frenesi ao pisarem (des-calças, como sempre) tapetes feitos de pele de urso. Viram os olhos transparentes dos forasteiros, a boca rubra daquelas damas, que não podiam ser simples mulheres – e prostraram-se aos seus pés, já escravas.

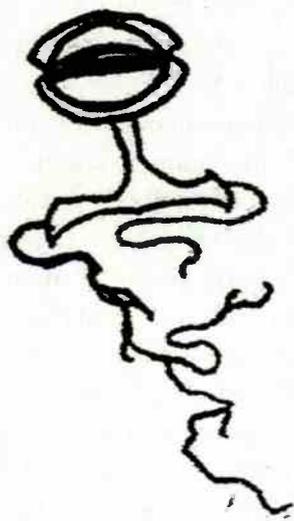
Os machos seguiram pela natural busca das companheiras, confinadas em mansões, agora babás, cozinheiras... Acabaram ficando, como pedreiros, mecânicos, pintores ou paus-para-todogalho. Também não cobravam nada, exceto o prazer de ouvirem falar os sons misteriosos, oráculos. As crianças eram as únicas a ficar de fora, por nada oferecerem, a não ser um impulso destruidor de taças e espelhos. Cresceram meninos e meninas meio selvagens, pela praia: os mais velhos ensinavam qualquer coisa aos menores, na ausência constante dos pais. E aprenderam a busca e captura dos crustáceos, a subida nos coqueiros, o trançado das redes e chapéus. Andavam com o sal no corpo, esperando o dia de entrarem, também eles, nos lares estrangeiros.

Não foi assim com todos, porém. Na cidade inteira, contavam-se seis que não queriam seguir os outros. Desde pequenos, formavam um grupo à parte, visto de revés pelos restantes. Faziam, no fundo, uma ameaça, retorno ao primitivo. E se de repente ninguém mais quisesse estar nas mansões, que seria deles? Estariam condenados à eterna vida de lama e peixes, vento e céu, sem nunca terem o gosto de pisar a laje fria e ver as cores de um teto bem traçado. O sonho de seus pais, a felicidade a duras penas conseguida – e a esperança de, em várias gerações, estarem eles tão estrangeiros quanto os próprios, em língua e costumes – tudo perdido.

Um dia, os seis decidiram desertar. Eram os estranhos insuportáveis naquela terra. Combinaram a viagem, o bote, e todos subiram, e foi grande o alívio. Na noite da partida, houve até despedidas amáveis, que não esconderam certo rancor. Os outros sentiam (estava claro em seus rostos) a perda de saírem aqueles homens, ainda sangue seu, ainda gente sua, a estabelecer-se noutra parte. Imaginavam que, mesmo depois de anos, um deles contaria: “Nasci em tal cidade”. Ideal seria desaparecer com os estranhos de uma vez, varrê-los como se faz com os maus pensamentos.

Adivinharam os seis, aquelas idéias. Por enquanto, só um pressentimento, sobre as ondas quentes. Não esperavam que os

nativos tivessem o último gesto de retorno às origens,
reaprendendo a feitura de arco e flecha, extraindo o veneno do
sapo. Agora, apenas o medo, entrecortado de recordações como
estrelas, fura a memória. Os seis têm toda a morte para esquecer.
Nesta noite de janeiro, ninguém mandará barcos de pesca reco-
lherem seus corpos perdidos no mar.



OS AFOGADOS

joan
edesson

Eram três.

Domingos foi encontrado às quinze horas, e se tinha alguma mudança era apenas na cor levemente esverdeada.

Eram três os meninos.

Às quinze e quinze acharam o corpo de Constantino, que tinha uns bichinhos minúsculos grudados aos cabelos.

Eram três os meninos afogados.

Marciano aportou na praia meia légua abaixo do velho ancoradouro e meia hora depois que acharam Constantino.

Eram três. Eram três os meninos afogados. Em todos a mesma marca na mão esquerda e as penas que nasciam nos calcanhares.

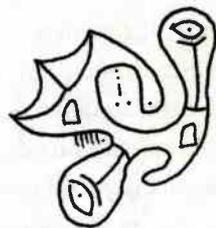
URBI ET ORBI

nito
maciel

Estendeu-se no leito, como se fosse santo. A idéia de uma encíclica tomava-lhe a mente desde cedo. Cogitações em elos. No entanto, uma dor no peito o fazia indisposto. O mundo pegava fogo, no seio da Igreja antigas vilanias renasciam entre colunas, pelos corredores, nos átrios. E no interior dos corpos os invisíveis seres do mal se agitavam, destruíam paredes, cavavam fossos. Precisava dormir, descansar. O fogo não se apagaria de vez, mas pelo menos algumas chamas poderiam se tornar mais brandas. Eu sou Deus. Os astros olham para mim, pequeninos. Vejo tudo, a Terra, as estrelas, o firmamento, o infinito. Sobre o chão as criaturas em permanente matança. Comem, bebem, dançam, correm, fornicam, nascem, morrem. Asco de tudo e de todos. Por que não fulminá-los com raios? Carne queimada, pronta para o consumo. Cócegas, coceiras. E se aniquilasse tudo? Cidades, campos, o mundo? Coça-se com insistência. Formigas passeiam por seu corpo. Sacode-se na cama. O mundo treme em nunca visto terremoto. Tempestades, águas revoltas, incêndios, vulcões

parece explodirem a Terra. Inúmeros pequenos seres tomam conta do corpo do Papa. A dor no peito aumenta. Gases escapam do orifício. Ouvem-se estrondos na alcova. Iniciava-se a destruição do orbe. Eu sou o destruidor do mal. Mais gases infestavam o ambiente. Pelo reto saíam diminutas massas. O mundo fedia e nada o aromatizaria. Entretanto, o Sumo Pontífice sonhava além da realidade. Sentado em imenso vaso sanitário – semelhante ao sólio papal – defecava. Em baixo se formava um monte de excrementos, que aumentava a cada instante. Ao redor do vaso ou do trono as fezes se acumulavam e ocupavam todo o espaço da sala. O pobre homem sentia sufocar, fazia esforços para respirar. Os resíduos já fervilhavam, como se em processo de fermentação. E sempre a se avolumarem. Em pouco tempo, todo o ambiente se repletava de massa fecal. O ser havia desaparecido, soterrado pelas fezes. Ora, eu sou feito de fezes, eu sou um monte de fezes. Eu sou isto tudo. Mas sou Deus, antes de tudo.

Quando acordou, a cama coberta de dejetos, lembrou-se da encíclica e escreveu na parede, com os dedos sujos: *Urbi et orbi*.



biografia de uma ilha

tânia
lima

aos mangues do cocó

34

: protegidos pelos mangues. viajamos pelos lençóis do maranhão. onde se vivia do luar. lugar onde o sal nasce antes do sol. quando vêm os safristas, o inverno fica triste pelos coalhadores. dizem os pescadores que um dia o mar vai varrer tudo e a ilha de alcântara irá desaparecer do mapa. mas antes que esta maldição de anajansen se realize: pescamos nosso barquinho inventado e seguimos viagem em direção às encostas do piauí. à noite, no alto mar, as estrelas ficam salientes para nossos olhos de mangue. à base de tiquira e farinha de puba, fizemos festa com o camurupim pescado. era uma manhãzinha, quando o sol nos acenava à paisagem ainda virgem do delta do parnaíba. os caranguejos brindavam esconde-esconde de bunda pra lama. não sabiam o tamanho do buraco negro. ainda vimos o cabeça de cuia, lenda que até hoje percorre as veias do povo do rio poty. o mar brabo de camocim nos seguiu. no meio dos bregueços: um pão velho, o poema uivo de alen ginsberg, $\frac{1}{4}$ de luar. o vento desorientava a embarcação. o sol cegava para a cidade de fortaleza. chegamos tarde, mas ainda deu tempo de carregar as palavras na peneira e devolvê-las à praia do futuro. o mar do futuro é grande. e está cheio de palavras. palavras feitas de sal.

CAOS

A SENHORA DO EDIFÍCIO

*rinaldo de
remandes*

Amanhecer de sábado, o sol já intenso nas pedras do calçamento. A rua retirada, o longo muro arruinado, o pardal acordando poeira do reboco. Um coqueiro ao pé do muro. O mendigo deitado, metade do corpo à sombra suave do coqueiro, as pernas expostas na calçada. Os raios lambem-lhe os sapatos. O mar, adiante, rosna como um cão que, de repente, assustado, se descobriu verde.

A senhora do edifício, que vive sozinha no sétimo andar, de sua varanda vê o mendigo, o mar, as areias alvas de sol. E deseja a sombra do coqueiro. Deseja as (quebradas) palavras no muro. Deseja – de onde veio isso? – a barba do mendigo.

O mendigo ressona, recitando no sonho o primeiro pão da padaria próxima. E toma o pão do padeiro, mastiga-o com um sabor sofrido, morno. Mastiga a mão da senhora do edifício, que ontem lhe atirou três moedas. Mastiga os tijolos podres do muro.

O mendigo, no sonho, principalmente funga debaixo da saia da senhora, aperta os dentes no pão entre suas coxas. A senhora sente cócegas, sorri. E solta manteiga para o pão.

A senhora, na varanda, esquece as areias, o mar. Vai tomar seu café. Agora, na mesa, sem esquecer o mendigo, aperta o pão com as duas mãos. Morde-o com firmeza, faminta. Os dedos bem úmidos de manteiga.

AS CINCO ROSAS

jorge
luz

36

A presença do estranho alteou-se no arco do portão.

— Eu vim em nome Dele. Você precisa...

Os gestos dos lábios ressequidos mal tornavam audíveis os sons articulados. A mulher recuou, assustada.

— O que deseja a estas horas?

— Vim trazer-lhe amor. Amor! Ouviu?

Pelo vão da entrada ele avança, como quem se desloca. Mas não parece disposto a sacar da arma que traz na cintura, nem demonstra qualquer indecisão. Ela pôde então ver-lhe o rosto onde as marcas da varíola deixaram exposta a fúria cerrada das bolhas, a explosão silenciosa da epidemia e a falta de assistência, longe, talvez no interior abandonado. O esmalte dos dentes estava coberto de nicotina. Tabaco de corda - pensou a mulher. Viu-lhe a seguir o pescoço, veias tufadas de sangue quente. A disposição elástica dos músculos, lembrando os trabalhadores do campo, pele queimada do sol, um vulto curvado na platibanda de

CAOS

um prédio em construção, assentando tijolos. Sim, podia ser isso. As mãos rudes, grosseiras. Era isso. Precisamente.

— Mas eu não lhe chamei. Nem estou precisada de seus serviços profissionais.

— Eu vim porque você necessita. Nunca venho se alguém não precisa de mim.

Recuou para dentro da casa. Ele a seguiu antes mesmo que ela tivesse tempo de fechar a porta. Ambos se viram na sala principal, mas a casa parecia deserta. A indiferença dos objetos era marcada pelo ritmo do pêndulo devidamente protegido na caixa secular do cronômetro. Tajás e palmeirinhas de estufa assistiam, também, sem a menor idéia de que podiam gritar, quando fosse noite, e as palmeiras agitarem seus leques, quando o vento da tragédia acenasse.

— Por favor, vá embora!

Seu medo era tamanho que resolvera proteger-se, agarrando-se com ele. E assim atravessaram o corredor vazio, as dependências invadidas pelo sossego da hora, o quintal e o jardim; por um impulso do mais forte, estacaram debaixo de um caramanchão distante alguns metros de uma cisterna decorada com motivos ibéricos. Foi nesse ponto que a mulher soltou aquele grito que já lhe intumescia a garganta, percorria-lhe o corpo trêmulo. A voz tomou a forma de uma tocha vermelha e atravessou as ruas da cidade. No local, uma sinuosa caligrafia de sangue, dominando o espaço hipotético de cinco rosas desfeitas, compunha um delta na superfície do ladrilho. Mas nada existia que indicasse a origem do grito.

POR POUCO EU NAO FUI FELIZ

gildemar
pontes

38

Quando eu ficava na rede, esperando o vento trazer uma idéia para sair do sufoco e ganhar dinheiro, o tempo não passava. Às vezes, de uma hora para outra, me batia uma tristeza medonha. Aí é que não dava vontade de sair da rede.

Ainda bem que ela apareceu numa tarde e eu a vi, deitado, empurrando o pé na parede, tentando tirar um som do rangido do armador.

Oi! vim aqui visitar sua mãe, mas parece que ela viajou...

Nem notei, parece que está em Zanzibar! Ontem ouvi alguém comentando que estava atrás de um presente para minha irmã...

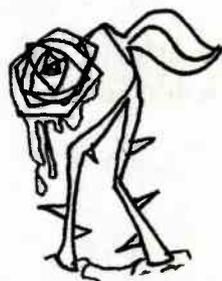
Tá, depois eu volto.

Ela saiu e deixou um telefone para minha mãe se comunicar com ela, Helena, me parece.

Numa tarde dessas, meu irmão me chamou para eu resolver umas coisas para ele, no centro da cidade. Detesto o centro das

cidades, principalmente aos domingos, aquela solidão, aquelas
 pessoas de domingo, os prédios e as casas tristes, os bêbados nas
 calçadas. Saí do banco e fui ao cartório de títulos, depois fui a
 uma lanchonete comer aquele pastelzinho com caldo de cana que
 meu pai levava todas as noites da minha infância. Ao pagar a
 merenda, esbarrei nela, Helena, me parece, e vi que era linda.
 Pedi desculpas e saí apressado para o encontro com meu irmão.
 Quando entrei no ônibus, fiquei olhando pela janela fixamente
 para o meio-fio que passava rápido, como o tempo no relógio do
 universo. Voltei para casa e procurei o telefone dela. Revirei
 gavetas, livros, armários, nada, escavaquei um monte de cesti-
 nhas, que só servem para a gente perder as coisas, e nada. O jeito
 era esperar que ela surgisse de repente ou que minha mãe voltasse
 de Zanzibar para me dizer onde ela mora.

Oito dias depois, minha sobrinha trouxe um hipopótamo para
 o jardim e ele, deitado sobre as roseiras, tirou a única possibilidade
 de eu poder ofertar a Helena um pouco do que restou de mim.



FRONTEIRA

pedro
salgueiro

40

O vasto horizonte mirado com angústia: primeiro as sobran-
celhas cerradas, a mão em pala; depois os óculos claros, vislum-
brando ínfimos detalhes; mais além o binóculo rápido; e por fim
a luneta de tripé apoiada no peitoril da janela. (A porta da frente
travada, os galhos ressequidos sobre o muro.)

Em cima da mesa o velho manual de técnicas de fuga, de
caminhos alternativos, de atalhos perfeitos. Aos seus pés a gasta
bússola, mapas encardidos e rabiscados nos trópicos. A xícara de
café esquecida; a bagana de cigarro inútil nas cinzas. (Quanto
mais longe... — o país distante, um mundo imaginário, paisa-
gens de televisão.)

Os olhos peritos não enxergam mais os pés gastos, as unhas
compridas, o filete de baba maculando o colarinho, as baratas no
canto escuro do quarto. No quintal o verde úmido dos musgos, o
tronco seco da goiabeira, os cacos de telhas trocadas no último
inverno.

Rangendo leve a cadeira de balanço da companheira triste,
também esquecida dos filhos distantes, a esperar eternamente

pelo retorno das andorinhas, o cantar dos galos nos quintais vizinhos, rezando uma prece em silêncio, no mais absoluto silêncio...

Por último cavou trincheiras no jardim, e montou observatório no galho mais alto da ingazeira do quintal, canto algum ficou descoberto de um possível ataque. Testou todos os alarmes, checkou lunetas e binóculos, lustrou a gasta espingarda. E nem se deu conta de que o adversário, zeloso de seus cuidados, se infiltrara há muito em sua guarda, já organizava junto com ele as mil situações de defesa, sussurrando em seu ouvido opiniões absurdas, desfocando lentes, cuspiendo debochado no assoalho da sala enquanto ganhava a confiança de sua companhia. (Se não olhasse para tão longe já o teria visto, de sorriso maroto, destampando as panelas no fogão.)



LOUCO POR CARNAVAL

Micheliney
Verunschik

42

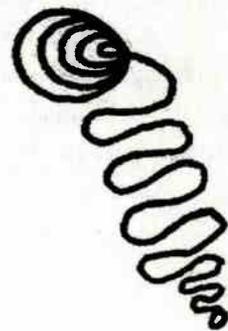
Abri uma porta e uma mulher desconhecida me beijava. Na anterior, era um animal enorme que se atracava em mim numa luta, beijo, curra, quem sabe? Na próxima porta eu era uma mulher, um tanto feia, vá lá, mas muito bem servida de carne. Em nova porta paralela, fui só uma música, qual mesmo?

*A dor de uma saudade
Vive sempre em meu coração
Ao lembrar alguém que partiu
Deixando uma recordação
Nunca mais...
Hão de voltar os tempos,
Felizes que passei em outros carnavais*

Abri outra porta e eu estava nu, sem pudor qualquer de me mostrar. Noutra porta, enorme susto, eu era só uma fruteira. É, fruteira mesmo, daquelas cheias de frutas vermelhas, amarelas,

maduras dando açúcar e formiga. Muitas portas não consegui abrir nem à força de muque nem de ferramentas, nem com batidas nem com abre-te sésamos. Sempre assim, todo ano. Há quantos anos? Sei lá eu !!! Sei é que odeio carnaval e odeio porque foi num que me perdi e porque é na repetição de novos carnavais, ano após ano, que me procuro sem conseguir me encontrar. Quem sou eu? A loira que passa vestida de brilhos, a lua com cara de palhaço minguante em fim de feira, o anão bêbado com cheiro de couro velho, o urso suado preso na coleira, a passista que rebola para o pandeiro, ou o pandeiro, a carmem miranda que não foi pro céu porque foi enterrada de rouge e baton, o homem vestido de mulher com meia de seda e frufu, o carnavalesco que morreu na terça de carnaval... Quem sou eu que não me acho e que me procuro todos os anos sem nem saber qual é o meu nome?

*Eu sou aquele pierrô
Que te beijou
E te abraçou, meu amor...*



O começo e o fim

Luiz
Araes

44

Em torno da pequena mesa redonda, os quatro amigos debruçavam-se sobre o carteadado. Já era uma rotina semanal. Jogo sem dinheiro, mas concentrado, de pouca conversa.

A frase saiu do nada, ou melhor, da boca de um deles, mas do nada, se posso me fazer entender.

— Nem tudo que termina tem começo.

Se houve espanto, foi disfarçado, reprimido. Impossível não ter havido. Bastaria a troca de olhares, ainda que rápida, para a revelação do estranhamento.

A partida continuou no mesmo compasso; o ritual de sempre, rigorosamente cumprido.

No final do jogo, apenas uma diferença. Quem ganhou e quem perdeu eram indistinguíveis.

Quem sabe aquela partida nunca teve fim, apenas começo.

TRÊS PEQUENOS CRIMES

floriano
martins

1.

Eu trouxe esta dor para dentro de ti. Não pude mais mantê-la afastada. A todo instante me persuadia e em minha angústia boiavam as vítimas que fui asfixiando na memória. Era gente sem nome. Jamais se deu pela falta de uma. O que me consome é o anseio de não me repetir, uma vez sequer, tornar nossos corpos íntimos antes de me despedir de cada um, roçar-lhes o pânico, com extrema dedicação. Eu sempre atalhei a dor que agora se arrasta em teu ser, cuidando daqueles resignados todos de maneira que não soubesses de nada. Mas já não suportava ler nos jornais que os crimes eram todos iguais. Eu era o único a poder provar-lhes a diferença. A dor que sentes não é maior do que a minha. Fomos traídos pela incompreensão. Este mundo já não é o nosso.

2.

Ela costumava dizer-me que gastamos a vida em suspeição: a afirmação da fé não passa de uma fragilidade. Aqui dentro convivo com vários. Não crêem em nada, mas enlouquecem ao pensar nisto. Como imaginar que uma dor intensa possa ser serenada, ao mesmo tempo, pela fé e pela razão... Todo crédulo é potencialmente louco. A minha mãezinha jamais duvidou de mim. Fui buscar um a um em suas casas, três, três, eram sempre três. Não mataram somente meus irmãos, viviam por ali a se divertir em confiscos. A redondeza é o lugar onde o inferno abanca seu ninho. Foram meus únicos três mortos, mas sobrevivem em minha condenação. Já não são mais suspeitos. Todo o crime recaiu sobre mim. Este é o caminho da fé ou da razão?

3.

Onde moro o tempo decai como uma saliência prevista para estar ali sempre em declínio. O que quer que aconteça terá o mesmo saldo. Um lugar assim, onde a frustração justifica inge-rência do acaso, eu o tinha como decorrência, crimes, sim, propiciados pelo ambiente. Aqueles moleques perambulavam por ali, longe da escola. Uns musculosos me fascinavam, fui pescando os que me aturdiavam, mexiam comigo. Não havia como não me desvencilhar deles. Há uma relação essencialmente fortuita entre causa e efeito? Uns choravam tanto, os de que mais gostei, e desde cedo percebiam o que havia de inopinado no destino. Um outro recusou tudo isto, o grande amor que eu dedicava a todos. Enquanto o castrava, me disse: tu não és nada. Não sairás daqui para parte alguma.

TRÊS ESBOÇOS

eduardo
jorge

caminhar na praia

primeiro, a espera. olhar o relógio, sentir o seu compasso por alguns minutos, quase meia-hora parada e, séria, olhar para trás com um beijo no pescoço. *é ele.* e começar a caminhar, lado a lado com o mar. as mãos começam com os mindinhos encontrando-se. caminhar de mãos dadas na praia, cedo da manhã. ver o seu tênis descolando. ficar calada. guardar aquilo com carinho também. segurar a onda. os pensamentos que vêm e vão. isso por uma hora. percorrer uma extensão de terra. sentir-se também um pouco estrangeiro. *sou uma parte desse mar.* o andar, equilíbrio e desequilíbrio, mover-se. ser capaz de pressentir quando ele vai olhar. retribuir e ver o cinza do céu. pingos que aos poucos ganham corpo. procurar abrigo. aquele peito basta.

bel ballare.

com a ponta dos pés ela desenhava animais no ar. assim dançava, a pequena bailarina. um dia, fez um elefante misturado com zebra. e seus pés faziam listras no ar. seus pais pararam o almoço e viram a pequena desenhista criando mais um animal para que eles adivinhassem qual era. e ria quando não sabiam. prosseguia em mímica com os pés. a pequena não entregava o jogo. e quando os pais cansavam, ela saía para o jardim e procurava pequenas companhias. embuás, cigarras, formigas – e imitava-os, dançando, desenhava também aviões com os pés. ria. ria muito quando o desenho era grande demais e ela caía.

instruções para indecisões

primeiro é necessário que surjam caminhos. para a dúvida. optar é uma questão importante. daí vêm as situações que podem [digamos, devem] ser de risco. o risco é de uma perda. é fundamental um pesar rochoso. não se sabe ao certo se para equiparar pesos, medidas. o próximo passo é deixar tudo como está em uma espécie de incubadora. esperar uma maturação. eliminadas as possibilidades, talvez surja o pensamento de voltar atrás, testar outra possibilidade. pode não ser tarde. nessas alturas deve-se compreender bem os haveres da palavra *não*.

UMA MÚSICA PARA DOIS

francisco
sobreira

Ela imediatamente se virou para o piano, quando soaram os primeiros acordes da música. Por um minuto, mais ou menos, permaneceu com o olhar focado no piano, depois voltou à posição inicial. Voltou também ao prato, que abandonara por aquele breve tempo. Ela também interrompera a conversa com o homem que a acompanhava. Parecia estar toda concentrada na música. E o homem, que devia ser o marido, pareceu respeitar o silêncio dela, pois não ousou lhe dizer uma só palavra até que a música parasse. E eu que não prestara atenção naquela mulher, que já começara a comer quando eu me sentara à mesa, fui, de repente, tomado por uma junção de curiosidade e interesse por ela, a partir do momento em que a sua atenção foi despertada pelos primeiros acordes da música. E o meu olhar se deteve naquele rosto, na tentativa de nele descobrir, por trás dos óculos e em meio a algumas rugas, a jovem que conheci há anos sem conta.

E por que foi a música que, ao envolver a mulher daquela maneira, me fez sentir um interesse súbito por ela? Antes preciso fazer uma revelação. Freqüentava diariamente aquele centenário restaurante, com exceção dos sábados e domingos, desde que retornara à minha cidade após uma prolongada ausência por força da minha profissão. Há uma explicação. Eu gostava daquela música e todos os dias ela era tocada, pouco tempo depois que me sentava à mesa reservada para mim. Por um mês, talvez nem isso, solicitei-a ao pianista, mas decorrido esse tempo, certamente

percebendo que me tornara um cliente diário do restaurante, o pianista passou a executá-la com a dispensa do meu pedido.

E naquele dia, ao ouvi-la, e vendo aquela senhora partilhar da minha preferência pela música, me lembrei, de imediato, da jovem com quem tive um namoro mais ou menos duradouro. Ela, a garota, ela, a música, nunca saíram da minha mente em todos esses anos. Os dois ouvimos aquela música no mesmo dia em que iniciamos o namoro. Tínhamos ido ao Rex, na matinê dos domingos, assistir a *Suplício de Uma Saudade*. Hoje não tenho mais saco pra encarar aquele melodrama, desde que o revi há uns dez anos; mas naquela tarde, ao lado de Loretta, emocionei-me com o romance entre William Holden e Jennifer Jones, tanto quanto a minha primeira namorada, embora, diferentemente dela, consegui resistir às lágrimas quando o filme terminou. Mas, talvez como uma lembrança do nosso amor, iniciado com o filme, se não tenho mais disposição para vê-lo, continuo a gostar de sua música.

Parece que agora estou ouvindo Loretta cantar, a **boca chiusa**, trechos de *Love is a many splendored thing*, quando ficávamos juntos num banco de uma pracinha, a mesma onde sempre nos encontrávamos: às vezes, assobiando-a. E depois cantando em português, quando foi lançada a versão em nosso idioma.

Mesmo depois de encerrada a execução de *Love Is A Many Splendored Thing*, ela permanecera calada, só falando para responder a alguma pergunta do marido. Umás três ou quatro perguntas, que presumi que tinham a ver com a atitude da esposa. Eu começara a refeição e só desviava a atenção da mulher quando baixava os olhos para o prato. Em uma dada ocasião, uma só vez, ela, ao se virar, como que se deu conta da minha presença, mas o olhar que me endereçou teve a duração de um *flash*. Pouco depois o marido se levantou para ir ao banheiro. Passou bem perto de mim e pude verificar que era bem mais velho do que supunha ao vê-lo da minha mesa. Observei-o informar-se do garçom sobre o banheiro e me lembrei da primeira vez que precisei usá-lo. Em vez do usual "Homens" ou "Cava-

lheiros”, o banheiro masculino daquele restaurante exibe um retrato, numa pequena moldura oval, de um senhor de uma época antiga, vestido com um paletó e usando um grosso bigode. Já no das mulheres há um retrato de uma senhora também de outros tempos e com o mesmo tipo de moldura.

Continuei com os olhos atentos na mulher, à espera de que a qualquer momento ela virasse o rosto para mim e, dessa vez, me fitasse. E num breve momento acreditei nessa possibilidade. Foi quando um pequenino pássaro surgiu, de forma inesperada, sem ninguém atinar em como tinha entrado ali. A avezinha ficou passeando por aquele pequeno espaço do salão, chamando a atenção de todos que estavam por perto. Até que um garçom se dispôs a apanhá-la, só o conseguindo depois de algum tempo. Os movimentos do homem, a corridinha em perseguição ao pássaro, que fugia ao pressentir a proximidade do homem, provocaram risos nas pessoas, inclusive nela. E o seu riso, a forma, me fizeram, de estalo lembrar o de alguma pessoa. Não me era estranho aquele riso. Podia não ser o da jovem que namorei, mas de outra mulher que passara pela minha vida. Talvez até o de um amigo de um passado remoto. Impossível identificar. De todo modo, conhecera aquele riso. Foi quando acreditei que ela se virasse para mim, concedendo-me, além do olhar, um sorriso, como alguns presentes o fizeram. Nada. A mulher não alterou a posição de todo o tempo enquanto permaneceu à mesa, com exceção da vez em que a música começou a tocar. Mas a esperança (não dizem?) é a última que morre, e me vali dela para que, ao se levantar para ir embora, a mulher de novo me presenteasse com um olhar, ainda que rápido como uma piscadela. Nem isso. Ergueu-se e deixou a mesa pelo lado oposto ao que me encontrava. Ao se afastar, atrás do marido, pude notar que era um pouco corcunda.

OCASIÕES

cândido
rolim

52

ABDOMINICAL

ele ouve gritos.

fecha portas e ouvidos. pano úmido nas frestas e nos ralos.
os gritos persistem.

veda torneiras, dá descarga, urina, se curva. nada. leva as
mãos à boca. os gritos cessam.

VERSÃO ANGULOSA DO MOTIVO

tarde da noite, sob a luz de uma lâmpada de 40 velas, senta-
se para conferir, exausto e a contragosto, inconvenientes cifras de

antigos credores, quando um corvo pousa na janela, inteiro e absoluto dentro de sua negrura.

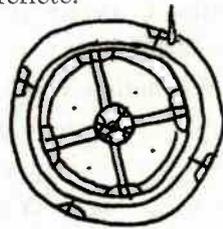
mas antes que a ave tagarela grasne ou filosofe qualquer coisa, ele cerra a janela sobre suas asas. e nunca mais aquele corvo será inteiro e absoluto dentro de sua negrura. nunca mais.

COISAS VINDAS

você se senta à sombra e descobre uma arrumação inédita para os cabelos.

radiante, a mesma mosca invade o quarto, sobrevoa a mobília e se instala na borda do cinzeiro.

a certa altura do silêncio, tudo é incorpóreo. vai descobrindo aos poucos que a parede, a princípio opaca às dispersões da vista, de alguma forma lhe reflete.



IRMÃ DAS ALMAS

OU O VALOR DE CADA UM

aldir
brasil jr.

54

Sempre sonhava que estava sobrevoando a Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção, com asas imperceptíveis ao mais comum dos mortais, repousava sempre na Sé, disputando com os pombos um vitral ainda em cor.

Um olhar aquilino, que sempre saudava o Baobá na Praça dos Mártires e se encantava com o barulho dos trens a remexer túmulos guardados pela Castro e Silva.

Os cabelos de trigo ainda beiravam os ombros. Os meninos eram ofuscados pela beleza alada e, esquecendo as bilas, corriam para a Rua Assunção, onde poderiam chegar aos telhados a tempo de ver um rosto cor de romã, guardado por um ligeiro vestido de verão.

Ela sobrevoava o Forte e recolhia o desejo da menina que amava o Pajeú. O pequeno rio corria indiferente ao amor recolhido. Prometeu para si mesma que ceifaria a moça no próximo verão.

Já senhora de si, buscava em vão o amor do Freire, o colega de escritório. O segredo de suas viagens repentinas não seria revelado, pois voar é para poucos, e a cidade vista de cima parece guardar um princípio de redenção.

Desafiou os meninos mais uma vez:

-Sigam-me.

Gulliver, o menor de todos, desafiou a gravidade e acabou mal.

O Freire prometeu ficar em vigília nas noites mornas de dezembro.

Depois dela a cidade jamais seria a mesma.

TIO

daniel
glaydson

ao tio chamavam de louco pelo seu balançar alto bem
alto balançando a rede ele e sua latinha

(lata de quê, tio? de som.)

balanço de rede e batadura de lata qual mais alto nem se
sabe

nem se sabe também que certo dia no balançar alto de
rede com lata e tudo o velho escapuliu pra cima quebraram
as telhas ou o teto se abriu se abriu para que lá sobre a
cabeça dos caretas o tio louco pelo seu balançar alto mais
alto balançando o telhado barro vermelho apreteado pelo sol
em rebuliço o sol também, mas o barro mais rebuliçado no
balanço do telhado e batadura da orquestra de lata

(a fé das águas pluviais dali vistas ali não choviam em
respeito-mor ao tio louco que dali via a água sendo o lençol
que ele não tinha

igual a graça

da noite senão a defesa do sangue a palmadas)

[quando aos dezessete o tio, que diziam louco, deitado
no gramado daquele rio assistia aos amigos carregando galões
de vinho nas costas sobre sua cabeça passavam passavam
abrindo as pernas subindo os pés sobre seu corpo e do seu
corpo os galões cada vez mais próximos pertos, pertos e
nulhares, zás

viu abortos, nêutrons, sentiu o purgatório na boca de uma
das suas mães]

mas, ali no seu balanço do telhado alto mais alto não
sabia de efeitos de balões ou de galões nem se sabe também
com lata e tudo

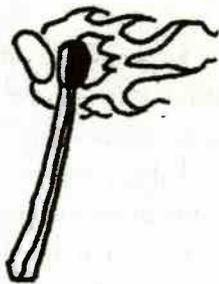
no certicíssimo dia o velho escapuliu pra riba quebraram
os vidros

ou do céu o piso se abriu

e ele lá para que sobre a cabeça dos caretas pisasse sem
que as pedras ferissem seus pés para balançar de cá pra lá
com a lata-órgão-piano nulhares, zás

Só quando lia, o tio parava e resmungava:

é por que dói tanto



TENOR DE VELÓRIO

clauder
arcanjo

Noite sem morcegos e corujas. Igreja com esquite. Um corpo e sua meia dúzia de conhecidos. Gente pouca, reza fraca. Ave-marias em murmúrio. Parcas lágrimas. Vigília longa.

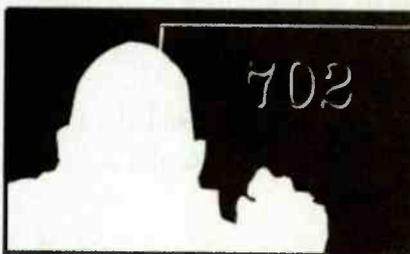
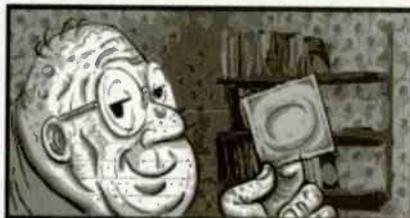
De repente, a beata e seu cântico. Desafino geral. Constrangimento.

Novo início. A tentativa de limpeza das gargantas.

Então, o surgir de algo limpo e forte. A curiosidade. Um bêbado, com ares de tenor. Um gregoriano. Única glória do humilde velório.

SÁBADO À NOITE

POR FERNANDO LIMA



No LABIRINTO...

Aldir Brasil Jr. (1964)

Aldir Chaves Brasil Junior nasceu em Fortaleza, CE. Doutor em Matemática pela Universidade de São Paulo, é professor da Universidade Federal do Ceará. Tem poemas e contos publicados no site *Fortaleza Voadora*, do escritor e tradutor Ruy Vasconcelos, e na revista *Caos Portátil*. Inédito em livro.

Amilcar Bettega (1964)

Amilcar Bettega Barbosa nasceu em São Leopoldo, RS. Mestre em literatura brasileira. Tem publicados os livros de contos *O vôo da trapezista* (Porto Alegre: Movimento/IEL, 1994; 2ª ed., Porto Alegre: WS Editora, 1999); *Deixe o quarto como está* (São Paulo: Companhia das Letras, 2000) e *Os lados do círculo* (São Paulo: Companhia das Letras, 2004). Participou em 1999 do programa Ledig-House – Internacional Writers' Colony, nos Estados Unidos, como escritor-residente. Vencedor em vários prêmios literários, foi o ganhador do Portugal Telecom, em 2005. Mora atualmente na França.

Ana Miranda (1951)

Ana Miranda nasceu em Fortaleza, CE, para onde retornou após longo tempo. Publicou os livros de poesia *Anjos e demônios* (José Olympio, 1978) e *Celebração do outro* (Antares, 1983). Como romancista, publicou *Boca do Inferno* (1989), *O retrato do rei* (1991), *Sem pecado* (1993), *A última quimera* (1995), *Desmundo* (1996), *Amrik* (1997) e *Clarice* (1999; 1ª ed. pela Relume-Dumará), além do livro de contos *Noturnos* (1999), todos pela Companhia das Letras. Tem obras publicadas em diversos países, entre eles Inglaterra, França, Estados Unidos, Alemanha, Itália, Espanha e Suécia. Recebeu o prêmio Jabuti em 1990.

Cândido Rolim (1965)

José George Cândido Rolim nasceu em Várzea Alegre, CE. Morou em Belo Horizonte, Rio de Janeiro e Porto Alegre. Atualmente exerce a advocacia em Fortaleza. Tem publicados os livros *Rios de Mim* (Fortaleza: Secretaria de Cultura do Estado do Ceará, 1982); *Arauto* (Sabará: Edições Dubolso, 1988); *Exemplos Alados* (Fortaleza: Letra & Música, 1997), *Pedra Habitada* (Porto Alegre: AGE, 2002). Possui publicações em jornais e revistas no Brasil e no exterior.

Clauder Arcanjo (1963)

Antonio Clauder Alves Arcanjo nasceu em Santana do Acaraú, CE. Engenheiro civil, funcionário da PETROBRAS, também professor da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte e da Universidade Potiguar. Cronista do jornal *Gazeta do Oeste* (Mossoró/RN) e resenhista, assinando como Carlos Meireles, na revista de humor e cultura do Rio Grande do Norte, *Papangu*. Tem inéditos livros de contos, de poesias e de crônicas.

Daniel Glaydson (1985)

Daniel Glaydson Ribeiro nasceu em Picos, PI. Funcionário Público Federal e estudante de Letras na Universidade Estadual Vale do Acaraú, em Sobral, CE. Editor da revista virtual de literatura www.famigerado.com. Tem poemas, artigos e ensaios publicados em jornais, revistas e em *sites* na internet. Reside em Sobral.

Eduardo Jorge (1978)

Eduardo Jorge nasceu em Fortaleza, CE. Co-edita *Gazua*, revista de poesia. Tem textos publicados em várias revistas nacionais. Pesquisa a obra do poeta Horácio Dídimo (Prêmio II Edital de Incentivo às Artes — Categoria Pesquisa/Secretaria de Cultura do Estado do Ceará, 1995) e também as possibilidades da literatura e novas tecnologias (II Amostra Nacional de Clipoemas, Curitiba, 2002). Editou uma plaquete chamada *San Pedro* (2004).

Fernando Lima (1967)

Fernando Antonio de Lima Pinto é formado em jornalismo pela Universidade Federal do Ceará. Atualmente cursa especialização em Metodologia do Ensino de Arte na Universidade Estadual do Ceará e trabalha com editoração e formatação de livros. Entre suas publicações, encontra-se uma adaptação para o álbum *Moreira Campos em Quadrinhos*.

Floriano Martins (1957)

Floriano Martins nasceu em Fortaleza, CE. Poeta, editor, ensaísta e tradutor. Co-edita a revista eletrônica *Agulha* e mantém a *Banda Hispânica*, integrada ao site www.jornaldepoesia.com.br. De obra extensa, destacam-se *Escritura conquistada: Diálogos com poetas latino-americanos* (Fortaleza: Letra & Música, 1998); *O começo da busca: Escrituras surrealistas na América Hispânica* (São Paulo: Fundação Memorial da América Latina., 1998); *Alma em chamas* (Fortaleza: Letra e Música, 1998); *Alberto Nepomuceno* (Fortaleza: Edições FDR, 2000); *O começo da busca - O surrealismo na poesia da América Latina* (São Paulo: Escrituras, 2001); *Estudos de pele* (Rio de Janeiro: Lamparina, 2004.)

Francisco Sobreira (1942)

Francisco de Paula Sobreira Bezerra nasceu em Canindé, CE. Contista e romancista, reside em Natal/RN. Mantém o *blog* www.luzesdacidade.blogspot.com.

Publicou, dentre outros, os livros de contos *A morte trágica de Alain Delon* (Ed. Henriqueta Galeno, Fortaleza, CE, 1972); *A noite mágica* (Editora Ática, São Paulo, 1979); *Não enterrarei os meus mortos* (Fundação José Augusto, Natal, 1980); *Um dia...os mesmos dias* (Fundação José Augusto, Natal, 1983); *O tempo está dentro de nós* (Edições Clima, Natal, 1989); *Grandes amizades* (Edições Clima, Natal, 1995); *Crônica do amor e do ódio* (Offset Gráfica e Editora Ltda., Natal, 1997). Tem publicados ainda romances e detém vários prêmios literários.

Gildemar Pontes (1960)

Carlos Gildemar Pontes nasceu em Fortaleza, CE. Poeta e ficcionista. Editor da revista *Acauã*. Professor de Literatura da Universidade Federal de Campina Grande, PB. Doutorando em Literatura na Universidade Federal da Paraíba. Dentre os vários livros publicados, destacam-se em poesia *Metafísica das partes* (Fortaleza: UFC/Casa José de Alencar, 1991); *O olhar de Narciso* (Fortaleza: Edufc, 1995); e na prosa, *A miragem do espelho* (João Pessoa: Editora da UFPB, 1998); *Porta Fólho* (Jaboatão dos Guararapes: EGM, 2004. Detentor de vários prêmios literários.

Gilmar de Carvalho (1949)

Francisco Gilmar Cavalcante de Carvalho nasceu em Sobral, CE. Professor da Universidade Federal do Ceará. Doutor em Comunicação e Semiótica pela PUC/SP. Autor de *Publicidade em Cordel* (São Paulo: Maltese, 1994); *Madeira Matriz* (São Paulo: Annablume, 1999); *Patativa do Assaré* (Fortaleza: FDR, 2000); *Patativa Poeta Pássaro do Assaré* (Fortaleza: Omni, 2002), e *Desenho Gráfico Popular* (São Paulo: IEB/USP, 2000); dentre outros trabalhos acadêmicos. Tem artigos publicados em revistas do Brasil e do exterior. Como ficcionista, publicou *Pluralia Tantum* (Fortaleza: GRECEL, 1973); *Parabélum* (Fortaleza: GRECEL, 1977); *Queima de Arquivo* (Fortaleza: SECULT, 1983); *Resto de Munição* (Fortaleza: SECULT, 1984); *Buick Frenesi* (Fortaleza: SECULT, 1985); e *Pequenas Histórias de Crueldade* (Fortaleza: SECULT, 1987).

Joan Edessom (1965)

Joan Edessom de Oliveira nasceu em Cedro, CE. É professor do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual Vale do Acaraú. Escreve poesias e contos e pesquisa sobre cultura popular na zona norte do Estado. É detentor de vários prêmios literários, tanto na categoria conto, como em poesia. Publicou o livro de poesias *Com margaridas nos olhos* (Fortaleza: SECULT, 1999), obra premiada em 1997, no Prêmio Farias Brito de Literatura.

Jorge Pieiro (1961)

Jorge Alan Pinheiro Guimarães nasceu em Limoeiro do Norte, CE. Mestre em Literatura pela Universidade Federal do Ceará. É professor de Literatura e sócio-diretor da Letra & Música Comunicação Ltda. Publicou, dentre outros títulos, *Caos Portátil* (Fortaleza: Letra & Música, 1999); *Fragmentos de Panaplo* (Fortaleza: Ed. do autor, 1989). Participa de várias antologias, dentre elas *Geração 90 – Manuscritos de computador* e *Geração 90 – Os transgressores* (São Paulo: Boitempo, 2001 e 2003,

respectivamente) – org. Nelson de Oliveira; *Os Cem Menores Contos da Literatura Brasileira* – org. Marcelino Freire (São Paulo: Ateliê, 2004). Como ensaísta, tem trabalhos editados em várias revistas, jornais e *sites* do Brasil e do exterior.

Jorge Tufic (1930)

Jorge Tufic Alauzo nasceu em Sena Madureira, AC. Escritor e Jornalista, pertence a várias academias e sociedades culturais em vários Estados do país. Reside há muitos anos em Fortaleza. Tem publicados mais de 40 livros de poesia, ficção e ensaios, dentre os quais: *Varanda de pássaros* (Manaus: Edições Madrugada, 1956); *Chão sem mácula* (Manaus: Edições Madrugada, 1966); *Os filhos do terremoto* (Manaus: Livrornal n° 01, 1978); *Poesia reunida* (Manaus: Edições Puxirum, 1988); – *Boléka: a onça invisível do universo* (São Paulo: Edições Puxirum, 1995); *Quando as noites voavam*. (Manaus: Edições Puxirum, 1998); *Poema-coral das abelhas* (Fortaleza: Edição do autor, 2000); *O sétimo dia* (Fortaleza: Ao Livro Técnico, 2005).

Luiz Arraes (1959)

Luiz Cláudio Arraes de Alencar nasceu em Recife, PE, porém tem raízes cearenses. É médico e professor universitário. Tem publicados os livros: *Palavra por palavra* (Rio de Janeiro: Inojosa, 1990), *Rastejador* (Rio de Janeiro: Fundarte, 1991), *O desaparecido* (Rio de Janeiro: 7Letras, 1997), *O que faz um homem rir?* (Rio de Janeiro: 7Letras, 1998), *O remetente* (Rio de Janeiro: 7Letras, 2003), *Anotações para um livro de baixo-ajuda* (Rio de Janeiro: 7Letras, 2005).

Lourdinha Leite Barbosa

Maria de Lourdes Dias Leite Barbosa nasceu na cidade de Ipu, CE. Mestre em Literatura pela Universidade Federal do Ceará. Coordena a revista *Espiral*. É Presidente da Academia de Letras e Artes do Nordeste Brasileiro – Seção Ceará. Tem contos, ensaios e artigos publicados em jornais e revistas especializadas. Participa das antologias *O talento cearense em contos* (São Paulo: Maltese, 1996) e *Antologia de contos cearenses* (Fortaleza: FUNCET, 2004). Tem editados *Protagonistas de Rachel de Queiroz: caminhos e descaminhos* (São Paulo: Pontes, 1999) e *A arte de engolir palavras – contos* (Recife: Bagaço, 2001).

Micheline Verunschik (1972)

Micheline Verunschik Pinto Machado nasceu em Recife, PE. É professora de História e mestranda em Literatura e Crítica Literária pela PUC/SP. Publicou os livros de poemas *O Observador e o Nada* (Recife: Edições Bagaço, 2003) e *Geografia Íntima do Deserto* (São Paulo: Editora Landy, 2003). Tem inédito um livro de contos.

Nilto Maciel (1945)

Nilto Fernando Maciel nasceu em Baturité, CE. Um dos criadores da revista *O Saco* (1976). Editor da revista *Literatura*, desde 1991. Ganhador de vários

prêmios literários nacionais. De sua extensa obra, destacam-se *Itinerário* (São Paulo: João Scortecci Editora, 1.ª ed. 1974, 2.ª ed. 1990); *Punhalzinho cravado de ódio* (Fortaleza: Secretaria da Cultura do Ceará, 1986); *O cabra que virou bode* (São Paulo: Editora Atual, 1.ª ed. 1991, 2.ª ed. 1992, 3.ª ed. 1995 e 4.ª ed. 1996); *As insolentes paras do cão* (São Paulo: João Scortecci Editora, 1991); *Vasto abismo* (Brasília: Ed. Códice, 1998); *A última noite de Helena* (Campinas: Editora Komedi, 2003); escreveu também *Panorama do conto cearense* (Fortaleza: Editora Códice, 2005).

Pedro Salgueiro (1964)

Pedro Rodrigues Salgueiro nasceu em Tamboril, CE. Contista, tem editados os livros *O Peso do Morto* (1.ª ed., São Paulo: Giordano, 1995; 2.ª ed., Recife: Bagaço, 1997), *O Espantalho* (Fortaleza: UFC/Programa Editorial–Casa de José de Alencar, 1996), *Brincar com Armas* (Rio de Janeiro: Topbooks, 2000/Edição On-line–França: Éditions 00h00.com, 2001) e *Dos Valores do Inimigo* (Fortaleza: UFC, 2005). Participa de várias antologias, dentre as quais *Geração 90: Manuscritos de Computador* – org. Nelson de Oliveira (São Paulo: Boitempo, 2001); *Os Cem Menores Contos Brasileiros do Século* – org. Marcelino Freire (São Paulo: Ateliê, 2004) e *Contos Cruéis* – org. Rinaldo de Fernandes (São Paulo: Geração Editorial, 2006). Recebeu vários prêmios literários nacionais e internacionais.

R. Leontino Filho (1961)

Raimundo Leontino Leite Gondim Filho nasceu em Aracati, CE. É poeta, ficcionista e ensaísta. Doutor em Estudos Literários pela UNESP e professor de literatura brasileira na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Publicou, dentre outros, os livros de poemas: *Amor – Uma Palavra de Consolo* (Fortaleza: Ed. do Autor, 1982); *Cidade Íntima* (1.ª e 2.ª ed. Mossoró: Queima-Bucha, 1987 e 1991, e 3.ª ed. São Paulo: Editora do Escritor, 1999); e *Sagrações ao Meio* (Pau dos Ferros: Edições i-kara-kati, 1993). Participou de várias antologias, das quais se destacam: *Grito, Logo Existo!* Org. Nilto Maciel (Brasília: Revista Literatura, 1992); *Poesie du Brésil* – Vol. 1, org. Aricy Curvello e trad. Haidê Vieira Pigatto (Bento Gonçalves: Projecto Cultural Sur/Brasil, 2002); *A Poesia Norte-Rio-Grandense no Século XX* (Rio de Janeiro: Imago Ed., 1998)

Rinaldo Nunes Fernandes (1960)

Rinaldo de Fernandes nasceu em Chapadinha, MA, e morou por muitos anos em Fortaleza, CE. Graduiu-se em Letras, na Universidade Federal do Ceará. Doutor em Letras pela UNICAMP, é professor de literatura na Universidade Federal da Paraíba. É autor dos livros de contos *O Caçador* (João Pessoa: Ed. UFPB, 1997) e *O perfume de Roberta* (Rio de Janeiro: Ed. Garamond, 2005). Organizou os livros *O Clarim e a Oração: cem anos de Os sertões* (São Paulo: Geração Editorial, 2002), *Chicar Buarque do Brasil* (Rio de Janeiro: Garamond/Biblioteca Nacional, 2004) e *Contos cruéis: as narrativas mais violentas da literatura brasileira contemporânea* (Geração Editorial: São Paulo, 2006). Colabora com os principais suplementos literários do país.

Sânzio de Azevedo (1938)

Rafael Sânzio de Azevedo nasceu em Fortaleza, CE. Doutor em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, é Professor Visitante da Universidade Federal do Ceará. Ensaísta e poeta, tem também contos publicados em periódicos do Ceará e de outros Estados. Tem editados, dentre outros, os ensaios *Aspectos da literatura cearense* (Fortaleza: UFC, 1982); *A Padaria Espiritual e o Simbolismo no Ceará* (2ª ed. Fortaleza: UFC, 1996); *Novos ensaios de literatura cearense* (Fortaleza: UFC, 1992); *O Modernismo na poesia cearense* (Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto do Estado do Ceará, 1995); *Adolfo Caminha: vida e obra* (Fortaleza: UFC, 1997); *O Parnasianismo na poesia brasileira* (Fortaleza: UFC/Sobral: UVA, 2004); e no gênero poesia *Cantos da longa ausência* (São Paulo: Bentivegna, 1966); *Canto efêmero* (Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 1986); *Cantos da antevéspera* (Fortaleza: UFC, 1999).

Soares Feitosa (1944)

Francisco José Soares Feitosa nasceu em Ipu, CE. Chegou adolescente em Fortaleza, onde ingressou no jornalismo, ainda menor de idade, no jornal *Gazeta de Notícias*. Aposentou-se como Fiscal do Imposto de Renda. Trabalhou no Recife e em Salvador. Até os 50 anos, não se envolveu com Literatura, nada tendo escrito até então. Toca um escritório de advocacia tributária com larga atuação regional. Publicou um único livro, *Psi, a Penúltima* (Fortaleza: edição do autor, 1997). Mantém na internet o Jornal de Poesia (www.jornaldepoesia.com.br), o mais visitado endereço de poesia de língua portuguesa em toda a rede mundial de computadores. Atualmente escreve um romance, *Salomão*.

Tânia Lima

Tânia Lima nasceu na ilha de Igaronhon-Lengóis, MA. Morou em Fortaleza e atualmente reside no Recife. Doutoranda na Universidade Federal de Pernambuco. Publicou *Pedra do sol* (1996 – com dois poemas premiados no Rio de Janeiro e Brasília); *O livro do abrigo* (2000); a crônica *O andarilho dos mangues* – (prêmio ecoturismo uma grande aventura — promovido pelo jornal *O Povo*, Ceará — 2001); *A bela estrangeira* (Prêmio Xerox do Brasil, São Paulo, 2001); *brenhas – um poema* (2003); *Nus mangues* (Prêmio Redescoberta da Literatura Brasileira — promovido pela revista *Cult*, Rio de Janeiro, 2003).

Tércia Montenegro (1976)

Tércia Montenegro Lemos nasceu em Fortaleza, CE. É professora de literatura, com graduação em Letras e mestrado em Literatura Brasileira pela Universidade Federal do Ceará, onde atualmente cursa o doutorado em Lingüística. Publicou os livros de contos, premiados nacionalmente, *O Vendedor de Judas* (Fortaleza: Edições UFC, 1998; 2ª ed., Fortaleza: Demócrito Rocha, 2003); *Linha Férrea* (São Paulo: Lemos Editorial, 2001) e *O resto de teu corpo no aquário* (Fortaleza: Secult, 2005). Escreveu ainda o ensaio biográfico *Oliveira Paiva* (Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 2003) e participou da antologia *25 mulheres que estão fazendo a nova literatura brasileira* — org. Luiz Ruffato (Rio de Janeiro: Record, 2004).





APOIO CULTURAL



Pouchain Ramos
GRÁFICA & EDITORA
Liderança impressa no mercado!

